

Valor Econômico, 27 de maio de 2020

A urgência de uma agenda para reindustrialização

Progressivamente, parece tornar-se evidente que a retomada da atividade econômica envolve uma série de medidas que estimule o gradativo reaquecimento da atividade industrial

Por: Marília Bassetti Marcato e Júlia Torracca

A crise econômica e sanitária provocada pelo novo coronavírus trouxe uma série de dificuldades adicionais para a indústria brasileira. A paralisação de algumas linhas de produção reflete um cenário de deterioração das condições financeiras das empresas, desabastecimento de insumos e retração da demanda doméstica e externa. Como ilustração, ao final do primeiro mês completo de aplicação das regras de quarentena, a produção de veículos automotores caiu 99,4% em comparação com abril de 2019, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

A discussão sobre os efeitos econômicos prejudiciais do coronavírus esteve, em um primeiro momento, associada às medidas mais restritivas de circulação de pessoas. Diante da pandemia de COVID-19 no Brasil e no mundo, o isolamento social tornou-se a principal medida para redução dos riscos de contágio e transmissão do vírus. Assim sendo, a relação indissociável entre os processos de saúde pública, as interações sociais e os sistemas de produção deve ser tomada como ponto de partida para uma discussão qualificada a respeito da retomada da atividade econômica.

Progressivamente, parece tornar-se evidente que a retomada da atividade econômica envolve uma série de medidas que estimule o gradativo reaquecimento da atividade industrial. Hoje, a crescente preocupação a respeito dos problemas nas cadeias de suprimento esbarra na insuficiência da produção doméstica na oferta de itens essenciais à vida neste momento de crise, como ventiladores, outros equipamentos médicos e insumos dos testes para diagnóstico. Sob o ponto de vista do mercado de trabalho, os impactos manifestam-se de forma desigual, com grupos vulneráveis como

os mais afetados, e setorialmente heterogênea. Para além do baixo crescimento do emprego formal, o qual é tradicionalmente sustentado pela abertura de vagas na indústria, deve-se ter em mente os efeitos anteriores da flexibilização dos contratos de trabalho e das precárias condições de trabalho remoto.

Em estudo elaborado pelo Grupo de Indústria e Competitividade da UFRJ, a indústria de transformação respondeu por mais de 70% da queda prevista de arrecadação de impostos indiretos. Além disso, como os setores industriais possuem salário médio superior ao do conjunto da economia, os especialistas indicam que a retração do emprego industrial terá forte impacto negativo sobre o volume da massa salarial. Se essa trajetória persistir, a realocação dos fatores para setores de menor produtividade irá não apenas enfraquecer o crescimento da produtividade agregada como também a difusão tecnológica, ampliando os possíveis efeitos deletérios da crise.

Anteriormente à pandemia, assistíamos à progressiva perda de densidade da cadeia produtiva no território brasileiro diante de um contexto de crescente minimização de investimentos e um ambiente macroeconômico cada vez mais hostil, ao qual se adiciona a instabilidade da política nacional e a volatilidade da taxa de câmbio. Isso significa que a indústria brasileira se via ameaçada naquilo que faz melhor: demandar e ofertar insumos, bens finais e serviços. Alguns desses “buracos” podem até ser preenchidos por importação de bens e serviços, mas isso pode significar, por outro lado, menor capacidade de geração de empregos no mercado doméstico e até mesmo o enfraquecimento dos ecossistemas inovativos, como identificou Suzanne Berger, pesquisadora do MIT, para o caso americano em *Making in America: from innovation to market*.

A crise atual reforça a importância estratégica da indústria brasileira de fazer frente às demandas sociais, com a garantia de oferta de bens e serviços essenciais, geração de empregos de qualidade e transformação tecnológica na direção do novo paradigma digital. Diante dos impactos sociais da crise, orientar as transformações produtivas necessárias para a progressiva equidade social, com destaque para os investimentos governamentais para ampliação de serviços públicos e em infraestrutura econômica e social, pode ser um importante avanço para a proposição de uma agenda para reindustrialização do Brasil.

Link original: <https://valor.globo.com/opinioao/artigo/a-urgencia-de-uma-agenda-para-reindustrializacao.ghtml>